

Uso de contraceptivos de emergência entre estudantes universitárias**Use of oral emergency contraceptives among female college students**

DOI:10.34117/bjdv7n3-376

Recebimento dos originais: 16/02/2021

Aceitação para publicação: 16/03/2021

Maronne Quadros Antunes

Farmacêutica

Especialista em Atenção Farmacêutica e Farmácia Clínica

Centro Universitário Funorte

Endereço: Avenida Osmane Barbosa, Nº 11.111, Bairro Jardim São Luiz, CEP
39401.066 Montes Claros, MG, Brasil

E-mail: maronnequadros@gmail.com

Anna Karine de Oliveira

Farmacêutica

Endereço: Rua Santo Amaro, Nº 52, Bairro São Judas, CEP 39402.593, Montes
Claros, MG, Brasil

E-mail: a_ninhaka@hotmail.com

Larissa Lopes Ferreira

Farmacêutica

Endereço: Rua Santo Amaro, Nº 52, Bairro São Judas, CEP 39402.593, Montes
Claros, MG, Brasil

E-mail: larissalopesferreiraf@outlook.com

Eurislene Moreira Antunes Damasceno

Farmacêutica

Mestre em Cuidados Primários em Saúde

Centro Universitário Funorte

Endereço: Avenida Osmane Barbosa, Nº 11.111, Bairro Jardim São Luiz, CEP
39401.066, Montes Claros, MG, Brasil

E-mail: lene.euris@hotmail.com

Cleya da Silva Santana Cruz

Enfermeira

Doutora em Ciências da Saúde Infectologia e Medicina Tropical

Superintendência Regional de Saúde de Diamantina

Endereço: Praça da Alvorada, Nº 60, Bairro da Glória, CEP 39100.000, Diamantina,
MG, Brasil

E-mail: joaquimcezar@yahoo.com.br

Heloisa Helena Barroso

Enfermeira

Mestre em Ensino em Saúde Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri (UFVJM)

Instituição: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Endereço: Rua da Glória, 187 - Centro, Diamantina - MG, Brasil.
E-mail: heloisahbarroso@gmail.com

Ricardo Lopes Rocha

Doutor em Odontologia

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
Endereço: Rua da Glória, Nº 187, Centro, CEP 39100.000, Diamantina, MG, Brasil
E-mail: ricardolopes.ufvjm@gmail.com

Marcos Luciano Pimenta Pinheiro

Doutor em Farmacologia, Anestesiologia e Terapêutica

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
Endereço: Rua da Glória, Nº 187, Centro, CEP 39100.000, Diamantina, MG, Brasil
E-mail: marcospimenta2@gmail.com

RESUMO

Introdução: Os contraceptivos orais de emergência constituem um método para prevenir a gravidez inoportuna e ou indesejada que é um dos problemas de saúde pública em países desenvolvidos e em desenvolvimento. **Objetivo:** Avaliar o perfil e conhecimento do uso de contraceptivos orais de emergência por estudantes universitárias. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo desenvolvido em uma Faculdade localizada no Norte de Minas Gerais. A coleta de dados deu-se por meio de um questionário sociodemográfico, apresentando três áreas do conhecimento: Saúde, Humanas e Exatas, respondido por 156 estudantes. Os dados foram tabulados e analisados por meio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20.0. **Resultados:** verificou-se que 97 estudantes (62,2%) já recorreram à contracepção de emergência (CE), em 44 entrevistadas (45,36%) ocorreu sangramentos fora do período menstrual como efeito colateral e 93 estudantes (59,6%) consideram a pílula do dia seguinte um método eficaz e seguro. **Conclusão:** conclui-se que, apesar da contracepção de emergência ser um método amplamente utilizado e difundido entre as estudantes universitárias, ainda são necessários maiores esclarecimentos sobre o uso da mesma.

Palavras-Chave: Contraceptivo, Gravidez Não Desejada, Estudantes.

ABSTRACT

Introduction: Emergency oral contraceptives a method to prevent untimely and unwanted pregnancies, which is one of the health problems in developed and developing countries. **Objective:** to evaluate the profile and knowledge of the use of emergency oral contraceptives by university students. **Methods:** This is a cross-sectional, descriptive and quantitative study developed at a Faculty located in the North of Minas Gerais. Data collection took place by means of a sociodemographic questionnaire, three areas of knowledge: Health, Human and Exact, answered by 156 students. The data were tabulated and course using the SPSS software (*Statistical Package for the Social Sciences*), version 20.0. **Results:** It was found that 97 students (62.2%) had already resorted to emergency contraception (EC), in 44 interviewees (45.36%) there was bleeding outside the menstrual period as a side effect and 93 students (59, 6 %) consider the morning after pill an effective and safe method. **Conclusion:** It is concluded that, although emergency contraception is a widespread

method used and widespread among university students, more information about its use is still given.

Keywords: Contraceptives, Oral, Pregnancy, Unwanted, Students.

1 INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XX ocorreram diversas mudanças sociais que contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho, levando-a a ocupar funções que antes eram exercidas por homens. Esse fato exigiu que a mulher buscasse uma maior qualificação e desenvolvimento de sua escolaridade, o que refletiu em seu crescimento profissional e em sua independência financeira^{1, 2}. Tais mudanças, juntamente com um maior acesso à informação, bem como o enfrentamento das desigualdades de gênero fez com que cada vez mais a maternidade fosse adiada, influenciando diretamente no padrão da anticoncepção³. Outro fator que influenciou nesse comportamento foi o aprimoramento dos métodos contraceptivos que concedeu às mulheres mais autonomia e liberdade para escolherem o momento adequado para se tornarem mães⁴.

Para tanto, é necessário que conheçam os métodos contraceptivos disponíveis para planejar o momento de engravidarem ou mesmo para evitar abortos provocados e outros agravos à saúde que possam ocorrer em situações de gravidez indesejada⁵. Além disso, uma das ações do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher é promover o acesso às informações e os meios necessários ao planejamento familiar⁶.

Os tipos de métodos contraceptivos mais utilizados são: os naturais (coito interrompido, tabelinha); os de barreira (preservativo feminino e masculino, espermicidas e diafragma); os hormonais (pílulas, injeções); dispositivo intrauterino; os contraceptivos de emergência (CE) e os definitivos: vasectomia e laqueadura⁷.

Apesar da diversidade de métodos contraceptivos disponíveis a ocorrência de gravidez indesejada ainda é muito elevada no mundo⁸ e representa um importante problema de saúde pública em países desenvolvidos e em desenvolvimento⁹. Além disso, aponta para o dilema entre o desejo reprodutivo que é despertado em determinado momento na vida da mulher e a possibilidade desta gravidez acontecer de maneira não planejada¹⁰. Para evitar que isso ocorra, os contraceptivos de emergência são definidos como “... um importante método anticonceptivo para prevenção de

gestação inoportuna ou indesejada decorrente de violência sexual, relação sexual eventualmente desprotegida ou falha na anticoncepção de rotina”¹¹.

Dentre os métodos de CE descritos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), está a pílula contraceptiva oral combinada¹², conhecida popularmente como a “pílula do dia seguinte”. Esta pode ser utilizada para evitar uma gravidez indesejada, após relação sexual desprotegida, violência sexual, uso inadequado dos outros métodos anticoncepcionais de rotina e em falhas, como: deslocamento do diafragma e rompimento do preservativo^{13, 14}. Isso faz com que este método seja importante no planejamento reprodutivo e garanta a autonomia reprodutiva da mulher¹⁴.

Seu mecanismo de ação está relacionado com a inibição ou retardo da ovulação, alterando a mobilidade tubária, o transporte do óvulo e dos espermatozoides (inibindo a última fase de maturação dos espermatozoides no organismo feminino) e também modificando o muco cervical¹⁵. A sua eficácia é maior, quanto menor for o tempo de administração, após o ato sexual; sendo recomendada nas primeiras 12 a 72 horas¹⁶ e efetivo em até 120 horas após¹². A falta de conhecimento sobre o uso correto e mecanismo de ação da “pílula do dia seguinte”^{17,18}, contribui para o aumento dos efeitos adversos e perda de eficácia do método^{19, 20}.

Este estudo teve por objetivo avaliar o perfil de estudantes universitárias e seus conhecimentos sobre o uso de contraceptivos orais de emergência.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa, desenvolvido nas Faculdades Unidas do Norte de Minas - FUNORTE, localizada na cidade de Montes Claros – MG, no qual a população foi composta estudantes com idade igual ou superior a 18 anos, que concordaram em participar do estudo mediante prévios esclarecimentos e após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante a confidencialidade e o anonimato, atendendo aos preceitos éticos da Resolução Conselho Nacional de Saúde 466/12.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE, sob o protocolo de nº 1.655.502 em 30 de Julho de 2016.

Os dados foram coletados no segundo semestre de 2016, entre os meses de setembro e outubro, utilizando um questionário sociodemográfico adaptado²¹ dividido em duas partes: perfil sócio demográfico e do uso de contraceptivos.

A amostra de conveniência foi constituída por estudantes universitárias matriculadas em cursos de três áreas do conhecimento: Saúde, Humanas e Exatas. Na área da Saúde: Enfermagem e Nutrição; na área de Humanas, Direito e Serviço Social e na área de Exatas, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos. Como o questionário foi aplicado para as acadêmicas que estavam presentes em sala de aula, selecionou-se o quantitativo de 13 entrevistas para cada período/curso, com a justificativa de ser o menor número de estudantes presentes em algum dos períodos/cursos citados no momento da aplicação. Assim, totalizou 13 estudantes para o 1º período e 13 estudantes para o 8º período, resultando em 26 para cada curso, 52 estudantes para cada área e consequentemente 156 no total.

Os dados foram tabulados e analisados por meio do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 20.0.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados mostram que das 156 participantes, 53,2% apresentaram idade entre 21 e 25 anos (Tabela 1), faixa etária também mais prevalente em outros estudos equivalentes realizados entre universitárias em diferentes locais no Brasil; como mostra o estudo desenvolvido entre universitárias no Norte do Paraná, onde 68,0 % das entrevistadas estavam na faixa etária de 20 a 30 anos²² e no estudo de Almeida *et al.* (2015) realizado na cidade de Cajazeiras no estado da Paraíba, que contou com 62,0% das estudantes na faixa etária de 20 a 29 anos²³. Mulheres mais jovens utilizam o método com mais frequência uma vez que a maioria não deseja engravidar por ser jovem e por não ter uma vida financeira ainda considerada estável²⁴.

Com relação ao estado civil das participantes, 73,7% eram solteiras, um resultado bem próximo ao encontrado por Almeida *et al.* (2015) que contaram em seu estudo com 74% de mulheres solteiras²³. A literatura relata que o uso de CE se faz predominantemente em contextos diferentes de uma união duradoura^{25, 26}. Raine *et al.* (2010) aborda em seu estudo uma baixa confiança, comunicação e intimidade entre os parceiros nas relações que acontecem de maneira eventual, tornando a tomada de decisão contraceptiva mais limitada, acarretando em maior uso da CE na relação.

A renda familiar entre dois e três salários foi informada por 54,5% das participantes. Outro estudo destaca que a maioria das mulheres entrevistadas pertence às classes média e baixa as quais 77,8% possuem renda inferior a três salários mínimos,

podendo ser justificado pela dificuldade em aquisição do medicamento correto para evitar uma gravidez indesejada.

Tabela 1 - Características Sociodemográficas dos estudantes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Direito, Serviço Social, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos da Funorte. Montes Claros, 2016.

	Frequência (n)	Percentual (%)
Faixa etária		
18 a 20 anos	26	16,7
21 a 25 anos	83	53,2
26 a 30 anos	34	21,8
Acima de 30 anos	13	8,3
Estado civil		
Solteira	115	73,7
Casada	36	23,1
Divorciada	5	3,2
Cor		
Parda	86	55,1
Branca	47	30,1
Negra	23	14,7
Renda Mensal		
Renda de 1 salário	39	25
Renda entre 2 e 3 salários	85	54,5
Renda entre 3 e 4 salários	23	14,7
Renda entre 4 e 5 salários	6	3,8
Renda de 5 a 6 salários	3	1,9

Fonte: Dados da Pesquisa

Do total de estudantes entrevistadas, 138 (88,5%) afirmaram já ter tido relações sexuais e 18 (11,5%) relataram não ter iniciado a prática sexual (Tabela 2). Estes resultados corroboram com o estudo de Alano et al. (2012), no qual identificou-se que a maioria (79,4%) das participantes já havia mantido relações sexuais. Em relação ao uso da CE, neste estudo, 62,2% das entrevistadas já recorreram a este método. Este dado se faz importante refletir frente a aquisição do CE sem a devida prescrição médica, limitando assim à devida informação sobre o contraceptivo de escolha²⁵.

Tabela 2 – Perfil da atividade sexual e uso da CE por estudantes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Direito, Serviço Social, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos da Funorte. Montes Claros, 2016

Atividade sexual		
Você já teve relações sexuais?	Sim (%)	Não (%)
	138 (88,5)	18 (11,5)
Total		
156 (100)		
Uso do CE		
Você já usou a CE?	Sim (%)	Não (%)
	97 (62,2)	59 (37,8)
Total		
156 (100)		
Número de vezes que já utilizou o CE no ano da entrevista		
	n	%
Uma vez	46	47,4
Duas vezes	29	29,89
Três vezes ou mais	8	8,24
Não utilizaram a pílula	14	14,43
Total	97	100
Motivos		
	Frequência	%
Relações sexuais desprotegidas	41	42,4
Ruptura da camisinha	32	32,9
Esquecimento das pílulas	24	24,7
Total	97	100
Indicação		
	Frequência	%
Médico	15	15,5
Amigo/vizinho	23	23,7
Farmácia	7	7,2
Parceiro	33	34
Automedicação	19	19,6
Total	97	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Observou-se que a relação sexual desprotegida foi o principal motivo descrito para uso da CE, o que foi informado por 41 acadêmicas (42,4%), corroborando o estudo de Alano *et al.* (2012) que reportaram uma frequência de (44,6%) para o não uso do preservativo, seguido pelo rompimento do mesmo (39,6%). Este é um dado preocupante, uma vez que os contraceptivos de emergência não devem substituir os outros métodos anticoncepcionais, como o preservativo, e não previnem doenças sexualmente transmissíveis como a síndrome da imunodeficiência adquirida e por isso devem ser empregados apenas ocasionalmente, em situações específicas e não como o método contraceptivo de escolha²⁵. Além disso, este método encoraja a liberdade sexual pelas usuárias, como relata Teixeira *et al.* (2012) em seu estudo realizado no oeste da África com 149 mulheres e 79 homens²⁹, e pode sugerir uma reprovação moral

nas usuárias que se lançam ao prazer sem as devidas precauções consideradas como mulheres “livres”¹⁴.

Outro dado importante que merece atenção é a respeito da indicação da pílula, pois pode-se observar que grande parte das acadêmicas (34%) apontou o parceiro sexual como indicador do método. Dados diferentes foram relatados em um estudo realizado com adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de um município de São Paulo, no qual as entrevistadas informaram como principal indicador do método, os amigos e conhecidos¹⁸. Uma parcela menor das entrevistadas (15,5%) informou que o profissional médico foi o que indicou a CE, dado que difere de uma pesquisa realizada com universitárias de quatro universidades federais brasileiras no qual relatou-se que apenas 5,3% das entrevistadas reportaram a indicação médica³⁰.

Com relação ao local que adquiriu o contraceptivo de emergência, 60,9% das estudantes afirmaram ter adquirido em drogarias e apenas duas delas receberam o medicamento em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Isto indica que a CE vem sendo utilizada sem a adequada orientação. O fácil acesso ao medicamento e o baixo preço dos mesmos pode ter facilitado a sua aquisição, sem a necessidade da prescrição médica, dados próximos aos do estudo de Falcão *et al.* (2015), em que 45,1% das estudantes que fizeram uso da CE, adquiriram os medicamentos em farmácias comerciais³¹ e conflitando com os resultados de Silva *et al.* (2017), no qual, impressionantes 100% das entrevistadas adquiriram o medicamento em farmácia³². Tais achados discordam dos resultados de uma revisão na qual encontraram que uma faixa da população ainda tem acesso restrito a este tipo de medicamento³³. Já no estudo de Olsen *et al.* (2018), foram relatados dados semelhantes ao do presente estudo, pois a maioria das entrevistadas comprava seus contraceptivos em farmácias de varejo (75,2%), e o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro era apenas uma fonte significativa de anticoncepcionais hormonais injetáveis.

Além disso, a automedicação também foi detectada, pois sete das entrevistadas (7,2%) relataram que a indicação ocorreu na farmácia o que é preocupante, pois o uso rotineiro e indiscriminado deste recurso está associado a vários riscos, como danos aos órgãos reprodutivos femininos e outros sistemas por ser considerada uma “bomba hormonal”¹⁴.

Das 97 entrevistadas que relatou usar a CE, 46 acadêmicas (47,4%) utilizaram apenas uma vez no ano da entrevista, 29 (29,89%) duas vezes, oito delas (8,24%) três vezes e 14 (14,43%) não utilizaram a pílula naquele ano. Outro estudo também

encontrou resultados em que a maioria das participantes já havia utilizado a pílula de emergência duas vezes ou mais (62%)³⁴. Faz-se importante destacar que, segundo a OMS o uso frequente do contraceptivo de emergência compromete sua eficácia³⁵, além de outros estudos alertarem para o risco aumentado para o câncer de mama, colo de útero e até a infertilidade³⁶.

Conforme demonstrado na Tabela 3, dentre as estudantes que utilizaram o CE, 44 (45,36%) apresentaram sangramentos fora do período menstrual, após o uso do contraceptivo de emergência. É importante ressaltar que tais fármacos, quando comparados aos contraceptivos orais de rotina, apresentam altas concentrações de hormônios, o que acentua a intensidade dos efeitos adversos, sendo os mais frequentes: náuseas, vômitos, diarreia, fadiga, dor abdominal, dores nos seios, tontura, irregularidades menstruais, entre outros. Além disso, sabe-se que o uso repetido da pílula do dia seguinte no mesmo ciclo ovulatório, pode causar alterações fisiológicas que levam ao atraso ou adiantamento da menstruação³⁷.

Tabela 3 – Efeitos colaterais e conhecimento acerca do método CE relatados por estudantes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Direito, Serviço Social, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos da Funorte. Montes Claros, 2016.

Efeitos colaterais	Frequência	%
Sangramentos fora do período menstrual	44	45,36%
Dor de cabeça	16	16,49%
Hipersensibilidade nos seios	4	4,12%
Náuseas e vômitos	13	13,4%
Cansaço excessivo	1	1,03%
Dor abdominal	2	2,06%
Nenhum	17	17,54%
Total	97	100%

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação aos questionamentos acerca do conhecimento das estudantes sobre a anticoncepção de emergência, (Tabela 4), 146 (93,6%) afirmaram que o método não deve ser utilizado antes da relação sexual concordando com o estudo de Pinheiro e Sampaio (2014), realizado com 135 acadêmicos do curso de bacharelado em Enfermagem das Faculdades Icesp Promove de Brasília, no qual, a maioria dos estudantes entrevistados (88%) afirmou que a anticoncepção de emergência não deve ser usada antes da relação sexual²¹ e com outro estudo de uma universidade pública do estado de Goiás com 178 estudantes, no qual, apenas uma pequena parcela (5%) se equivocou ao informar que a CE pode ser utilizada antes da relação sexual desprotegida³⁸.

No presente estudo, 150 acadêmicas (96,2%) afirmaram que a CE não previne doenças sexualmente transmissíveis (DST), concordando com o estudo de Pinheiro e Sampaio (2014) no qual, a grande maioria (96%) dos entrevistados corroborou esta afirmativa²¹.

Dentre os participantes, 147 (94,2%) responderam que a CE não é mais eficaz que outros métodos contraceptivos (Tabela 4), discordando dos dados de um estudo realizado com estudantes de uma universidade nigeriana, onde 25,8% das entrevistadas relataram acreditar na eficácia deste método³⁹. A contracepção de emergência é 100% eficaz se for utilizada até 72 horas, no entanto sua eficácia diminui com o passar do tempo⁴⁰.

Observa-se que uma parcela considerável das estudantes (67,9%) acredita que a CE tem ação abortiva, entretanto este fato não foi comprovado, segundo o estudo de SCHMITZ *et al.* (2013), que afirma que tal método impede apenas a fixação do zigoto no endométrio⁴¹.

Tabela 4 - Conhecimento sobre a CE relatado pelas estudantes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Direito, Serviço Social, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos da Funorte. Montes Claros, 2016.

Variáveis	Frequência / (%)	
	Sim	Não
Conhecimento das estudantes sobre a anticoncepção de emergência		
Este método pode ser utilizado antes da relação sexual?	10 (6,4)	146 (93,6)
Este método previne doenças sexualmente transmissíveis?	6 (3,8)	150 (96,2)
O método CE é mais eficaz que os outros métodos contraceptivos?	9 (5,8)	147 (94,2)
A pílula do dia seguinte pode ser usada em até 72 horas após a relação sexual desprotegida e ser eficaz?	129 (82,7)	27 (17,3)
A pílula do dia seguinte quando associada a outros medicamentos pode reduzir sua eficácia?	128 (82,1)	28 (17,9)
Você considera que a pílula do dia seguinte é abortiva?	106 (67,9)	50 (32,1)
Você considera que a pílula do dia seguinte é um método eficaz e seguro?	93 (59,6)	63 (40,4)

Fonte: Dados da Pesquisa

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que apesar da CE ser um método bastante utilizado entre as acadêmicas, ainda são necessários maiores esclarecimentos sobre o uso da mesma. Ressalta-se que todos os profissionais da saúde devem estar envolvidos neste processo do uso racional da CE, evitando riscos à saúde. Além disso, é importante que o farmacêutico oriente e esclareça as usuárias sobre a forma correta de utilização da pílula do dia seguinte, englobando sua posologia, efeitos adversos e principalmente que a mesma não deve ser utilizada rotineiramente, em substituição aos outros métodos contraceptivos.

REFERÊNCIAS

Probst ER. A evolução da mulher no mercado de trabalho [Dissertação]. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-graduação. Gestão Estratégica de Recursos Humanos; 2007.

Lopes MN, Dellazzana-Zanon LL, Boeckel MG. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas Psicol.* 2014;22(4):917-28.

Olsen JM, Lago TDG, Kalckmann S, Alves MCGP, Escuder MML. Young women's contraceptive practices: a household survey in the city of São Paulo, Brazil. *Cad Saude Publica.* 2018;19;34(2):e00019617. DOI: 10.1590/0102-311X00019617.

Andrade EDC, Silva LRD. Planejamento familiar: uma questão de escolha. *Rev. Eletr. Enf.* 2009;11(1):85-93. DOI: 10.5216/ree.v11.46874

Vieira EM, Badiani R, Dal Fabbro AL, Rodrigues AL Jr. [Characteristics of anticontraception methods used in São Paulo State, Brazil (correction)]. *Rev Saúde Pública.* 2002;36(3):263-70. DOI: 10.1590/S0034-89102002000300002

Penaforte MCLF, da Silva LR, dos Santos Esteves APV, da Silva RF, dos Santos IMM, Silva MDB. Conhecimento, uso e escolha dos métodos contraceptivos por um grupo de mulheres de uma unidade básica de saúde em Teresópolis. *Cogitare Enfermagem.* 2010;15(1):124-30. DOI: 10.5380/ce.v15i1.17183

Costa A, Rosado L, Florêncio A, Xavier E. História do planejamento familiar e sua relação com os métodos contraceptivos. *RBSP.* 2013;37(1):74-86.

Rafie S, Stone RH, Wilkinson TA, Borgelt LM, El-Ibiary SY, Ragland D. Role of the community pharmacist in emergency contraception counseling and delivery in the United States: current trends and future prospects. *Integr Pharm Res Pract.* 2017; 23(6):99-108. doi: 10.2147/IPRP.S99541

Machado RB, Monteiro IMU, Magalhães J, Guazzelli CAF, Brito MB, Finotti MF et al. Long-Acting Reversible Contraception. *Rev Bras Ginecol Obstet.* 2017;39(6):294-308. doi: 10.1055/s-0037-1603647

Machiyama K, Casterline JB, Mumah JN, Huda FA, Obare F, Odwe G, et al. Reasons for unmet need for family planning, with attention to the measurement of fertility preferences: protocol for a multi-site cohort study. *Reprod Health.* 2017;14(1):23. doi: 10.1186/s12978-016-0268-z

Brasil. Ministério da Saúde. Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde. Brasília, MS; 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Emergency contraception. Geneva: WHO; 2018. <http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/emergency-contraception> (accessed on 01/Jul/2018).

Bauzà-Amengual ML, Esteva M, Ingla-Pol M, Font-Oliver MA, March S. Discourses on the postcoital pill in young women. *BMC Public Health*. 2018;27;18(1):803. DOI: 10.1186/s12889-018-5691-3

Brandão ER, Cabral Cda S, Ventura M, Paiva SP, Bastos LL, Oliveira NV, et al. ["Hormone bomb": risks of emergency contraception from the perspective of pharmacy attendants in Rio de Janeiro, Brazil]. [Article in Portuguese] *Cad SaudePublica*. 2016;19;32(9):e00136615. doi: 10.1590/0102-311X00136615

Amaral GD, Leite T, Cardoso EAM, Freire SC. Revisão de literatura sobre o conhecimento dos contraceptivos de rotina e o uso dos contraceptivos de emergência por mulheres em idade reprodutiva. In: *Anais do XVIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIV Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e IV Encontro de Iniciação à Docência*; 2014 out23-24; São Paulo, Brasil. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba; 2014.p.2,3

Ribeiro MIB, Fernandes AJG. Conhecimento e utilização da contracepção de emergência em mulheres jovens estudantes do ensino superior. In: *Anais do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia*; 2014 out 24-25 Bragança, Portugal. Escola Superior de Saúde: Instituto Politécnico de Bragança; 2014. p.15,6

Rodrigues MF, Jardim DP. Conhecimento e uso da contracepção de emergência na adolescência: contribuições para a enfermagem. *CogitareEnferm*. 2012;17(4):724-9. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v17i4.30381>

Chofakian CB, Borges AL, Fujimori E, Hoga LA. [Knowledge of emergency contraception among adolescents in public and private Brazilian high schools]. [Article in Portuguese] *Cad SaudePublica*. 2014;30(7):1525-36. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00149413>

Nogueira AA, Reis FJC, Poli Neto OB. Anticoncepcionais de emergência: por que não usar? *Medicina (Ribeirao Preto)*. Online.2000;33(1):60-3.

Souza RA. Pílula do Dia Seguinte: uma revisão de literatura sobre a Anticoncepção de Emergência. *Cadernos UniFOA*. 2017;4(8):58-76

Pinheiro MS, Sampaio A. Grau de conhecimento dos acadêmicos de enfermagem sobre anticoncepção por via oral de emergência. *Curso de Enfermagem*. Brasília, 2014.

Vargas AC, Paula EL, Pissolito PS, Mendes AB, Baptista VJ, Antunes MD, et al. Uso indiscriminado de contraceptivo de emergência por universitárias no Norte do Paraná. *BJSCR*. 2017;20(1):65-71.

Almeida FB, Sousa NMM, Barros GL, Almeida FB, Farias PAM, Oliveira Cabral SAA. Avaliação do Uso de Anticoncepcionais de Emergência entre Estudantes Universitários. *REBES*.2015;5(3):49-55.

Alano, GM, Costa LN, MirandaLR, GalatoD. Conhecimento, consumo e acesso à CE entre mulheres universitárias no sul do Estado de Santa Catarina. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2012; 17(9):2397-404.

Pirotta KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Rev Saúde Pública* 2004; 38(4): 495-502.

Amengual Maria de LluçBauzà, Canto Magdalena Esteva, Berenguer Inmaculada Pereiro, Pol Maria Ingla. Revisão sistemática do perfil de usuárias de contracepção de emergência. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2016. DOI: 10.1590/1518-8345.0882.2733.

Raine TR, Gard JC, Boyer CB, Haider S, Brown BA, Ramirez Hernandez FA, Harper CC. Contraceptive decision-making in sexual relationships: young men's experiences, attitudes and values. *Cult Health Sex* 2010; 12(4):373-86

Fonteles MMF, et al. Perfil de utilização de anticoncepcional de emergência em serviços de atendimento farmacêutico de uma rede de farmácias comunitárias. *Electronic Journal of Pharmacy*, 2016; vol. XIII, n. 3, p.131-9.

Teixeira M, Guillaume A, Ferrand M, Adjamabgo A, Bajos N, ECAF Group. Representations and uses of emergency contraception in West Africa. A socialanthropological reading of a northern medicinal product. *SocSci Med*. 2012;75(1):148-55. doi: 10.1016/j.socscimed.2012.02.038.

Silva FC, Vitalle MS, Maranhão H de S, Canuto MH, Pires MM, Fisberg M. [Regional differences in knowledge, attitudes, and practice in emergencycontraceptive use among health sciences university students in Brazil]. *Cad Saúde Pública*. 2010; 26(9):1821-31. DOI: 10.1590/S0102-311X2010000900015

Falcão BL, Castro GS, Franco LMN, Gomes PFP, Bueno H, Faria TA. Uso de anticoncepção de emergência pelas universitárias da área da saúde de uma instituição de ensino superior de Paracatu-Mg. *Rev Medicina da Faculdade Atenas*. 2015;9(2):13p.

Silva LVL, Beserra AAB, Santos SC, Beserra AA, Fernandes MJSS. Conhecimento de acadêmicas de enfermagem sobre o uso da CE. *Temas em Saúde*. 2017;17(2):61-79.

Westley E, Kapp N, Palermo T, Bleck J. A review of global access to emergency contraception. *Int J Gynaecol Obstet*. 2013;123(1):4-6. DOI: 10.1016/j.ijgo.2013.04.019.

Padoveze, I et al. Uso da anticoncepção de emergência em estudantes universitárias. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.1, p.9633-9643 jan. 2021

Brasil. Ministério da Saúde. Anticoncepção de Emergência: Perguntas e respostas para profissionais de saúde. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Caderno nº 3. 2ed. Brasília (DF), 2011.

Ribeiro, RS; Silva, MS; Barros, N B. Incidência do uso indiscriminado do levonorgestrel por alunos da EEEFM 4 de janeiro, Porto Velho/RO. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 6, p. 38444-56, 2020.

Hoefler R, Vidotti CCF, Silva EV. Uso racional de contracepção hormonal de emergência (“pílula do dia seguinte”). Brasília: Centro Brasileiro de Informação sobre Medicamentos/Conselho Federal de Farmácia; 2009, 21.08.2009. nº 032009.

Veloso DLC, Peres VC, Camargo JDSO, Guimarães JV, Salge AKM. Anticoncepção de emergência: conhecimento e atitude de acadêmicos de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm.* 2014;35(2):33-9. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2014.02.41561>

Akani C, Enyindah C, Babatunde S. Emergency contraception: knowledge and perception of female undergraduates in the niger delta of Nigeria. *Ghana Med J.* 2008;42(2):68-70.

Brandão, Elaine Reis et al. Os perigos subsumidos na contracepção de emergência: moralidades e saberes em jogo. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 131-161, abr. 2017.

Schmitz AC, Secco MB, Pinheiro TR, Almeida ACCH. Conhecimento de adolescentes acerca da CE. *Rev Científica da Escola da Saúde.* 2013;3(1):21-32.